A instituição de passagem e a passagem institucional: construindo o laço na adolescência

The passage institution and the institutional passage: building a link during the adolescence

Mariana de Mello Beisiegel¹

BEISIEGEL, M. M. A instituição de passagem e a passagem institucional: construindo o laço na adolescência. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 1, p. 33-36, jan./abr. 2006.

RESUMO: O artigo relata o trabalho realizado com adolescentes atendidos na instituição “Pré escola Terapêutica Lugar de Vida”, com base na teoria psicanalítica e propõe diferentes ações que buscam lidar com esse momento de passagem da infância para a adolescência.

DESCRIPTORES: Saúde do adolescente. Desenvolvimento do adolescente. Ludoterapia. Terapia ocupacional. Transtornos globais do desenvolvimento infantil. Relações comunidade-instituição. Transtornos psicóticos/reabilitação.

INTRODUÇÃO

A Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida é uma instituição de passagem que se propõe a tratar de crianças com Transtornos Globais do Desenvolvimento, dentre eles, a psicose e autismo infantis. De orientação psicanalítica lacaniana, funciona no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo desde 1991, integra atendimento terapêutico e educacional, visando à inclusão dessas crianças na rede regular de ensino, apostando que a circulação social dessas crianças tem seu

ponto de partida naquilo que é comum à infância, um lugar social: a escola.

O que abordaremos neste artigo é exatamente o momento da passagem institucional: o que oferecer às crianças que cresceram dentro da Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida, e cuja saída da instituição é marcada pela entrada na adolescência?

Não é de hoje que profissionais que se dedicam a tratar e pensar a adolescência, na área da saúde mental, sofrem

¹ Psicóloga e psicanalista. Membro da Equipe da Pré – Escola Terapêutica Lugar de Vida / IPUSP.

Endereço para correspondência: Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, Trav. 4, Bloco 17 – Cidade Universitária, São Paulo - SP.

de uma certa solidão e orfandade. A carência de instituições e profissionais que se propõem a tratar a questão da inclusão desses jovens na sociedade é inquietante. Não é apenas o aparelho público que parece ter se esquecido desse segmento da juventude carente de atenções, mas também a clínica psicanalítica. Cabe a nós, portanto, investirmos na produção de conhecimentos que possibilitem a multiplicação do interesse por essa clínica.

Possibilitar a sustentação da aposta na continuidade do tratamento das crianças que cresceram dentro do Lugar de Vida é de fato um desafio. Chamamos a este momento de Passagem Institucional, que talvez seja o mais delicado do tratamento, no qual podemos verificar nos pais um certo desinvestimento, uma desesperança em relação ao desenvolvimento de seus filhos.

Consideramos a entrada no tratamento como o momento da aposta, e a saída, quando não se trata exatamente de uma alta, mas sim de um limite institucional, como o momento do “depois da aposta”.

Compreender adolescência pelo viés da psicanálise implica, nos colocarmos diante de um momento fértil de operação psíquica e, portanto, propício ao tratamento. Com a eclosão da puberdade e florescência da sexualidade o sujeito é reconvocato pelo retorno da libido (energia vital em excesso no sujeito) a se posicionar frente ao sexo, com a entrada em cena do desejo sexual. Período que podemos nomear como uma reedição edípica⁽¹⁾. Freud (1905) começa a desenvolver a partir do Mito do Édipo aquilo que depois resultaria no entendimento sobre a etiologia das estruturas psicopatológicas. Essa passagem é fundamental e se organiza a partir do encontro das experiências edípicas e genitais da criança com o Outro adulto, sua forma de se relacionar com o mundo e a isso chamamos Estrutura. Lacan acrescenta os conceitos de função materna e paterna como organizadoras dessa operação psíquica que é o momento do Édipo.

Na psicose, a adolescência também caminha em terras férteis, embora a estruturação subjetiva tenha se dado de maneira diferente. Segundo Lacan (1956), o processo de interdição vinda daquele que promove a função paterna, produzindo um corte entre a criança e aquele que representa a função materna, promove a falta e instala o desejo. Quando isso não se dá, dizemos que ocorreu a Foracclusão. O sujeito, então, opera sem o norte da Lei Simbólica.

A clínica nos tem mostrado que alguns adolescentes em tratamento podem se estabilizar, e assim prosseguir rumo

a uma inclusão social. Trata-se, pois de fazer circular novos significantes: Adolescência, Produção, Trabalho, Circulação Social.

Para ilustrar o momento da passagem institucional, traremos três dispositivos em construção no Lugar de Vida abordados aqui em pequenos fragmentos clínicos.

FRAGMENTOS CLÍNICOS

Renato chega ao Lugar de Vida com dez anos e a entrada em um grupo de crianças nos mostrou o quanto o Outro lhe era invasor. Segundo Roudinesco e Plon (1998), o Outro é:

Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico - o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente [...] – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele , ora de maneira intrasubjetiva em sua relação com o desejo (p. 558).

Oferecemos então outro enquadre de atendimento, individual de orientação Lacaniana. Este enquadre teve a duração de cinco anos. Aos poucos, Renato foi suportando a presença de outros, já passeava pela instituição. Curioso, não ia mais direto para a sua sala de atendimento, nem buscava ansioso pelo braço de sua analista. Hora de voltar ao grupo, hora de incluir um outro, semelhante. Passamos a trabalhar em dupla: duas analistas e dois adolescentes. Em pouco tempo incluímos também um terceiro adolescente, falante, e que em momentos de angústia se precipitava sobre os outros com tapas e pontapés. Renato nos surpreende falando e barrando os socos com palavras que eram prontamente atendidas.

Poderíamos perguntar: o que diferencia a convocação do semelhante da convocação do adulto neurótico?

No último ano de atendimento do Renato na instituição, pensando nessas questões, experimentamos um novo dispositivo, o *Grupo MIX* que era composto por adolescentes do Lugar de Vida e jovens da comunidade São Remo (favela vizinha a USP). A idéia desta oferta parte do conceito de Função Fraterna.

Entre irmãos, o sobrenome paterno é apenas um dos nomes do sujeito; o menos importante, aliás, já que designa ao mesmo tempo vários e tão diferentes sujeitos. A função fraterna faz, portanto, suplência à função paterna na medida em que possibilita separar a lei da autoridade do pai real (KEHL, 2000, p. 39).

O encontro entre dois grupos de jovens, psicóticos e

⁽¹⁾ Na adolescência o sujeito é convocado a retomar esta operação.

não psicóticos e o universo particular da adolescência onde estes últimos estão imersos, pôde propiciar uma possível operação de identificação que, segundo Lacan (1980), está localizada como precipitadora da entrada no Édipo e fundamental para a constituição do sujeito, e posterior estabelecimento do Laço Social.

O laço social é aquilo que permite ao sujeito fazer um vínculo com a cultura, uma aliança com o universo simbólico que rege as relações humanas. Sua construção se dá como uma consequência do atravessamento das encruzilhadas psíquicas pelas quais passa um sujeito para sua constituição (KUPFER et al., 2004).

A semelhança entre esses dois grupos está na margem. Podemos caracterizar esses jovens oriundos da classe social menos favorecida como uma fatia excluída da sociedade, seja pelo viés da marginalidade ou da delinquência, seja pelo da pobreza. Está, também, nas margens da sociedade, o lugar designado para a loucura. A diferença se dá na estruturação subjetiva e é a partir da idéia desta semelhança na diferença que o campo das identificações pode operar. As respostas a estas questões continuam sendo investigadas, mas no caso de Renato pudemos verificar que alguma estabilização se deu. Ao emprestarmos o significante Adolescente, produzimos uma mudança significativa no olhar de sua mãe que pôde então reconhecer alguns comportamentos de seu filho, como sendo característicos dessa fase, como, por exemplo, o interesse pelas meninas. Ao invés de uma criança “especial”, passamos a ter um rapaz, que podia agora escolher suas roupas e se perfumar. A mudança no olhar da mãe lhe conferiu um outro Lugar.

Luana chega ao Lugar de Vida com sete anos, menina linda, sempre muito bem arrumada, não saíam palavras de sua boca, alguns sons somente, porém tudo entrava por lá. Luana enfiava tudo na boca, sem discriminação, papéis, lixo, giz, brinquedos. Com a comida não fazia diferente, os sabores pareciam não afetá-la. Seu pai nos relata que um dia encontrou Luana no quintal mastigando placidamente uma lesma.

Luana esteve em grupo durante cinco anos e muito pouco se produziu. Com a chegada da menarca algumas questões se impuseram a sua mãe como, por exemplo, a suspensão da menstruação e uma preocupação com a sexualidade da filha, com possíveis abusos que ela pudesse vir a sofrer. Terreno arado, pronto para o plantio.

Propusemos então, como momento de passagem institucional, uma nova direção de tratamento: algo que possibilitasse para Luana uma abertura para o estabelecimento do Laço Social visto que o seu “comer”

era algo que causava horror aos olhos dos outros.

O atelier de cozinha era sustentado pela idéia da transformação dos alimentos, da produção e oferta do universo cultural, bem como para promover a entrada de um terceiro a ofertar o alimento, tendo em vista que grande parte desses jovens se relacionam de forma particular com a alimentação, por vezes aprisionados em uma posição de relação “mãe-bebê”.

Na cozinha, cozinávamos e comíamos juntos. Luana não conseguia esperar e atacava qualquer coisa que estivesse ou não ao alcance de suas mãos. Uma das coordenadoras teve a idéia de uma “caixa lúdica de alimentos”. Na caixa colocávamos: limão, cebola (descascados), pão, tomate, frutas. Assim podíamos cozinhar sem o exercício de contê-la a cada instante. No começo, ela comia tudo o que continha na caixa. Aos poucos, foi selecionando os alimentos e jogava no lixo tanto a cebola quanto o limão. Luana parecia reconhecer a diferença entre os sexos, acatava com mais facilidade o que era dito pelo coordenador do atelier, que determinava seu lugar à mesa ao seu lado dizendo: “*Agora, como uma mademoiselle*”. Luana hoje é quase uma “mademoiselle”, o que propicia a ela uma possibilidade de circulação social. A escola nos relata que Luana passou a fazer lá suas refeições em grupo, sem causar no outro um olhar de horror.

Celina chega ao Lugar de Vida com dez anos, trazida por seus pais de origem nordestina. Tem um sotaque e vocabulários regionais que lhe conferem uma certa graça aos olhos dos outros. Quando chegou se batia muito e tinha grande dificuldade em se separar dos pais para entrar na sala de atendimento. Com o tempo passou a nomear as outras crianças e querer participar do grupo. Celina foi rapidamente incluída em uma escola regular, bem próxima a sua casa. Seu pai sustentava o tratamento, levando-a à Instituição. Após um ano este veio a falecer, o que diminuiu a frequência de Celina no atendimento. Sua mãe, sem a mesma implicação no tratamento de sua filha, parecia muito aquém de poder produzir qualquer questionamento sobre Celina. Com a falta do pai, esta mãe só pôde legitimar um lugar para Celina, aquele que no seu entendimento é destinado às mulheres: os afazeres domésticos. Papel esse que Celina responde à mãe desempenhando muito bem. Celina se afasta da Instituição e da escola. A analista nesse momento convoca insistentemente o retorno de Celina e sua mãe à instituição.

Nesse dia, Celina se remete à profissional dizendo: “*M, eu gosto de você. Eu gosto de vir aqui*”. A analista faz uma leitura da fala de Celina como um endereçamento de demanda para alguém que encarna um representante da Instituição. A partir disso, pudemos pensar uma nova direção de tratamento,

um dispositivo novo dentro da Instituição.

Atendendo o pedido de Celina e entendendo a impossibilidade de sua mãe em atendê-lo, a instituição oferece uma outra intervenção. *O acompanhamento terapêutico* foi a proposta e era sustentado pela idéia de permitir a circulação social desse adolescente na construção do laço social, fazendo a passagem da Instituição.

Nesse caso foi possível estabelecer uma transferência positiva entre o profissional acompanhante terapêutico, Celina e sua mãe. O que tornou possível o retorno da paciente à escola e à instituição. Hoje, Celina circula por seu bairro acompanhada pelo AT e freqüentam oficinas no CEU (Centro de Educação Unificado) da região o que pode vir a garantir outros “lugares” de vida.

Em 2001 tivemos uma experiência com um grupo de passagem (FARIA; BEISIEGEL, 2001) que nomeamos “Grupo dos Grandes” na tentativa de precipitar nos pais um olhar para seus filhos que cresciam. Encontramos como parceiros o Circo Escola dentro da comunidade São Remo onde levávamos esse grupo uma vez por semana a fim de

que compartilhassem as várias oficinas com os adolescentes que também participavam das atividades do circo escola. O que vimos nos surpreendeu. Os pais chegaram a fazer matrícula de seus filhos para que no ano seguinte esse trabalho pudesse prosseguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos três fragmentos clínicos é preciso ressaltar que o trabalho com Luana e Celina ainda está em curso. Renato foi encaminhado para atendimento no Laboratório de Estudos sobre Deficiência e Cotidiano do Curso de Terapia Ocupacional da USP fazendo parte de um grupo de adolescentes. Essa parceria vem sendo fundamental na construção de uma rede de atendimento para esses adolescentes.

Pode-se concluir que existe uma necessidade real de sustentação para a continuidade de tratamento, seja institucional, particular, de cunho analítico, bem como outras intervenções que tenham valor terapêutico e visem possibilitar a construção de laço social para esses jovens.

BEISIEGEL, M. M. The passage institution and the institutional passage: building a link during the adolescence. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 17, n. 1, p. 33-36, jan./abr. 2006.

ABSTRACTS: The article gives an account of the work carried out with adolescent attended in the “Pré escola Terapêutica Lugar Vida”, based on the psychoanalytic theory and proposes different actions which aim to deal with the moment of the passage from childhood to adolescence.

KEYWORDS: Teen health. Adolescent development. Play therapy. Occupational therapy. Child development disorders, pervasive. Community-institutional relations. Psychotic disorders/rehabilitation.

REFERÊNCIAS

FARIA, C. A.; BEISIEGEL, M. M. Histórias de adolescentes no picadeiro: laço fraterno, delinquência e psicose. **Estilos Clin.**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 118-25, 2001.

FREUD, S. Sobre un tipo de la elección de objeto en el hombre (1920-1923). In: Obras completas de Sigmund Freud. 3a. ed. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1973. t. II.

KEHL, M. R. (Org.). **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

KUPFER, M. C. M. (Colab.). **Leitura da constituição e da**

psicopatológico laço social por meio de indicadores clínicos: uma abordagem multidisciplinar atravessada pela psicanálise. [Projeto temático FAPESP em andamento no IP/USP]. São Paulo, 2004.

LACAN, J. (1955-1956). **O seminário**, livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. (1957-1958). **O seminário**, livro 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

ROUDINESCO, E.; PLON. Outro. In: Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Recebido para publicação: 02/02/06

Aceito para publicação: 07/03/06